

# UMA LEITURA POLÍTICA DOS CASAMENTOS NO ROMANCE *ORGULHO E PRECONCEITO* (1813) DE JANE AUSTEN<sup>1</sup>

Por Sandra Mônica do Nascimento<sup>2</sup>

## Introdução

O período inglês, especialmente o século XVIII, é marcado pela construção e o surgimento do romance. É fato que a importância do contexto histórico, bem como as mudanças sociais ocorridas são relevantes para o fortalecimento deste movimento. A Era Vitoriana, no século XIX é marcada por duas consolidações, o romance e a burguesia. A mudança no contexto social leva a uma nova forma de expressão, cujos valores refletem vários temas. Nessa época, o romance foi muito popular, os romancistas foram representantes da Era Vitoriana.

O romance é constituído principalmente pelas mudanças históricas e sociais, e em seguida começa a afetar a postura do leitor. Este, por sua vez, é ativo para a consolidação do gênero, pois os leitores também constituem o romance. É importante salientar que o público é o receptor da arte, e também reproduz e produz ideologias. No entanto, há leitores que apenas fazem uma leitura de superfície<sup>3</sup> do enredo, e não a aliam com o contexto histórico e social<sup>4</sup>.

A questão central desse trabalho demonstra como a instituição casamento foi construída no romance *Orgulho e Preconceito* (1813) de Jane Austen, conceito que se fortaleceu e se transformou em sua sociedade. A análise salienta a importância que o contexto histórico e cultural teve para a instituição casamento, considerando também as características econômicas, políticas e sociais da época, por meio de uma análise estética atrelada ao estudo histórico social do contexto no qual esse texto literário foi produzido, e propõe uma revisão do conceito naturalizado de casamento; uma vez que o enredo apresenta um desfecho não tradicional.

O corpus dessa pesquisa, *Orgulho e Preconceito* (1813) de Jane Austen, é um dos romances mais bem sucedidos em sua época, tanto em relação a seu valor estético, quanto comercialmente. É importante ressaltar que essa obra contribuiu para a autoria feminina. Nesta perspectiva, haverá uma contribuição para os estudos sobre a autoria feminina, uma vez que o romance foi escrito por uma autora que lidava com as questões de invisibilidade feminina conferida às mulheres de seu tempo.

## Pressupostos Teóricos

---

1 Este artigo é proveniente de uma pesquisa de Iniciação Científica a qual teve apoio financeiro da FAPESP, sob a orientação da Profa. Dra. Carla Alexandra Ferreira.

2 Graduada no Curso de Letras da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. E-mail: sandra.letas07@gmail.com

3 A palavra superfície, neste caso, corresponderá ao primeiro nível de leitura, de acordo com a *Leitura Política*.

4 O conceito de leitor aqui utilizado, a princípio, vem da definição de Jauss na *Estética da Recepção*, como receptor e produtor da arte, e posteriormente sofre um avanço nesta definição, com a *Leitura Política*, como produtor e reproduzidor de ideologias, de acordo com Candido.

O teórico Antonio Candido revela a importância de uma investigação da literatura através das influências exercidas em seu contexto de produção por fatores socioculturais e históricos. Estas influências são principalmente ligadas à estrutura social, valores e ideologias, e técnicas de comunicação. Nesta mesma linha, Fredric Jameson ressalta que “[...] toda a literatura, não importa com que intensidade, deve ser permeada por aquilo a que chamamos de inconsciente político, que toda a literatura tem que ser lida como uma meditação simbólica sobre o destino da comunidade.” (JAMESON, 1992, p.64)

Fredric Jameson afirma que para ter uma melhor compreensão de um texto, é preciso levar em conta as *estratégias de contenção*. Elas são apresentadas inconscientemente (ou não) pelo autor e podem (devem) ser reconhecidas quando o leitor examina o subtexto relacionado ao tempo histórico ideológico e social do escritor. Nesse sentido, a obra literária de Jane Austen, *Orgulho e Preconceito*, necessita de uma leitura política, para que a análise possa ocorrer para além do seu *conteúdo manifesto*. Assim, o enredo não aponta unicamente para uma história romântica, mas avança para uma denúncia e crítica do papel da mulher de seu tempo e conseqüentemente, suas limitações ocasionadas, principalmente, por fatores históricos, sociais e ideológicos.

A análise das questões tanto de sexualidade como do patriarcalismo, pelo viés histórico, social e ideológico é de extrema importância para o entendimento da obra literária *Orgulho e Preconceito*. Dessa forma, apenas a leitura política proporciona uma análise estética atrelada ao social. O crítico literário aponta também que os elementos históricos, não devem levar em conta apenas a *periodização*, pois isso deve ser um elemento de análise inicial; de possibilidade de entrada no texto. Nesta concepção Fredric Jameson propõe a análise literária a partir do *historicizar*, o qual não é apenas encontrar os elementos históricos no texto, e sim relacionar com a análise estética, com textos teóricos referentes à tradição interpretativa e de forma dialética

Nessa sociedade, há uma educação para o matrimônio, feita principalmente pelo viés burguês, o que é validado através das leituras dos romances. O ideal feminino é ressaltado de forma proposital em que o público leitor é induzido a aprender uma formação moral. Há a valorização do casamento e, nos romances, além dessa ação, há também o despertar de um desejo por um amor ou de uma paixão. No entanto, o estudioso nos revela que existem diferenças entre esses sentimentos. Neste contexto, o filósofo ressalta que: “Uma vida aliada à minha – para toda a vida, eis o milagre do casamento. [...] Estar apaixonado não é necessariamente amar. Estar apaixonado é um estado; amar é um ato. Sofre-se um estado, mas decide-se um ato.” (ROUGEMONT, 2003, p. 415). Jane Austen propõe esse casamento entre os protagonistas.

A leitura do ponto de vista feminino teve muito a contribuir com a hermenêutica do texto literário escrito por mulheres, pois é através dessa perspectiva, da sensibilidade feminina, que há uma nova forma de análise em relação à interpretação masculina, tida como padrão. Afinal, a mulher passa a ter voz e a analisar o patriarcalismo, e conseqüentemente represar as opressões sentidas, principalmente por elas.

## **Contexto Histórico e Cultural dos séculos XVIII e XIX**

O contexto da obra literária de Jane Austen retratou o período da sociedade rural georgiana, que antecede as mudanças advindas com a chegada da modernidade. Historicamente, essa mudança se deu por dois fatores: o primeiro, a revolução agrária que inicia a Revolução Industrial; e o segundo, o colonialismo, as Guerras Napoleônicas e a expansão do Império Britânico. Assim, “É nesse período de redefinições de papéis sociais e da confirmação de um legado de idéias que remota ao Iluminismo que seus romances são escritos” (FERREIRA, 2008, p.57)

O fato é que essas revoluções influenciaram o contexto literário da época. Afinal, o romance no século anterior continuou a propagar as ideias que eram adequadas para cada classe. Assim, de acordo com a mudança social histórica, neste caso especificamente, visto pelas mudanças de classes, também houve a mudança no foco de como as personagens deveriam agir ou não. A era vitoriana foi um período de mudanças dramáticas que levou a Inglaterra a seu ponto mais alto de desenvolvimento como uma potência mundial.

O romance *Orgulho e Preconceito* demonstra com propriedade como o contexto vitoriano interfere nas ações da personagem principal da obra. A era vitoriana, o período do reinado da rainha Vitória (1837-1901), iniciou uma fase prolongada de um progresso pacífico, conhecido como Pax Britannica. Isso pode acontecer devido à consolidação da Revolução Industrial, que espalhou o empreendimento colonial da Inglaterra, o imperialismo no exterior. Esta descoberta deu um impulso para o desenvolvimento de uma mídia social e ilustrada, outro fator é a questão do puritanismo social geralmente atribuído à classe média da Inglaterra Vitoriana.

Na Inglaterra, o Puritanismo pode ser interpretado como uma concepção da fé cristã, que foi desenvolvido por uma comunidade de protestantes radicais depois da Reforma. Uma característica fundamental destacada pelos puritanos foi a rigidez de costumes, afetando o comportamento sexual das pessoas através da concepção de moralidade. Ainda nesse contexto o autor afirma que “[...] a assimilação dos valores do amor romântico ao casamento ocorreu bem cedo na Inglaterra, e estava diretamente ligada ao movimento puritano.” (WATT, 1990, p. 136)

No século XIX, houve a disseminação da ideologia da Rainha do Lar. A maioria das mulheres era vista apenas como reprodutoras, e se elas almejassem trabalhar, o emprego feminino só poderia ser o de professora, de governanta, e enfermeira (atividades maternas). Atrelada a essa ideologia também estava as questões do desejo (que deveria ser reprimido) e o decoro como desejável as mulheres da classe burguesa.

Nesta sociedade, especialmente a escolha do casamento para as mulheres era uma questão crucial, porque o homem era visto como um detentor do poder. Assim, a mulher seria totalmente dependente dele, a sociedade era vista como patriarcal. A unidade familiar foi considerada através de uma vida moral, religiosa e econômica; e foram governados pelos paterfamilias, em que a autoridade era o pai.

Nesse sentido, Jane Austen demonstra em sua obra as influências e as transformações que a sociedade inglesa teve no papel da mulher, principalmente no que diz respeito à concepção de amor e casamento. O contexto histórico e social é de fundamental importância, uma vez que apresenta as limitações impostas pela sociedade do que a mulher poderia ou não fazer, e consequentemente podendo interferir em suas decisões.

## ***Orgulho e Preconceito* (1813) e o Casamento: Uma Análise**

A obra literária de Jane Austen necessita de uma leitura política, como já mencionado anteriormente. De acordo com Fredric Jameson (1992) há diferentes níveis de leitura que devem compor a análise de um corpus. Nesse sentido, esses níveis de leitura de *Orgulho e Preconceito*, ocorrem por meio de três leituras sucessivas, demonstrando como a leitura se dá em cada nível de interpretação.

O primeiro nível de interpretação proposto por Fredric Jameson se dá através da leitura do *conteúdo manifesto* do enredo. Nesta concepção, o romance é analisado por meio do entendimento de superfície da narrativa, nesse caso, essa primeira leitura é contemplada. Desse modo, as problematizações que ocorrem no enredo, não podem ser respondidas com essa leitura de primeiro nível.

O segundo nível de interpretação ocorre posteriormente ao entendimento do enredo. Nesse sentido, o leitor precisa atentar para alguns fatos, tidos como naturais, na primeira leitura. Nesse nível as *estratégias de contenção* vêm à tona por meio das contradições, lacunas e armadilhas presentes no texto. Isto se dá principalmente na observação dos casamentos presentes na obra. Esse nível de interpretação nos permite analisar cada casamento da obra literária, bem como a construção das personagens e a relação dessas personagens com os outros. Sendo assim, cada casal simboliza uma temática diferente, as quais só foram desvendadas quando desveladas as *estratégias de contenção*.

Nessa sociedade, essa temática é apresentada com uma grande ênfase, uma vez que na estória há quatro casamentos que são concretizados. As uniões entre casais ocorrem respectivamente entre William Collins e Charlotte Lucas, George Wickham e Lydia Bennet, Charles Bingley e Jane Bennet e, finalmente, com os protagonistas Elizabeth Bennet e Fitzwilliam Darcy. Cada matrimônio demonstra uma categoria distinta: a primeira união revela um casamento sem amor, mas que na verdade retrata a questão de sobrevivência da mulher; o segundo figura um casamento por interesse financeiro em busca da ascensão social dos pares; o terceiro se dá através de um matrimônio encorajado, que fortalece as convenções sociais; e o último demonstra um casamento por decisão e amor entre iguais (intelectualmente).

O terceiro nível de interpretação, propõe uma análise estética. Nesse sentido, o texto deve ser analisado para além do enredo e levar em consideração fatores históricos, sociais, culturais e econômicos de sua época. Desse modo, Jane Austen apresenta em sua obra literária *Orgulho e Preconceito* (1813), não apenas histórias de amor e de casamentos, como demonstrado no primeiro nível; pois a partir de um enredo aparentemente simples, a autora nos revela como o contexto foi inerente, e afetou para que as uniões conjugais ocorressem, as quais eram tidas como naturais, mas que na verdade são historicamente construídas. Nesse nível, a forma deve ser analisada, uma vez que é reveladora de um conteúdo, que nesse caso se dá pelo gênero romance. Este por sua vez, ao mesmo tempo em que se consolida também forma o seu leitor, em especial no século XVIII.

## Resultados Finais

Jane Austen apresenta em um enredo aparentemente voltado ao amor, o conflito das mulheres do final do século XVIII e início do século XIX o qual subverte a ordem burguesa em relação ao posicionamento ideal esperado de uma mulher, nas relações afetivas e conseqüentemente em sua postura em relação ao ato de se casar. É importante destacar que a autora enfatiza as características econômicas da época como fundamentais para as relações de convívio dessa sociedade, aborda assuntos como diferenças de ranking social, dote, casamento arranjado e relações de interesses em uma ascensão social.

Nesse sentido, revela também o embate entre a aristocracia e a burguesia, uma vez que a burguesia está em ascensão e a aristocracia perdendo o prestígio. É importante ressaltar o contexto histórico e cultural para entendermos esse choque de ideias e ideais, em que somente uma interpretação de terceiro nível leva em consideração a análise estética, e propõe o entendimento que permita analisar aspectos literários com históricos, culturais, econômicos e sociais.

Outro fator de destaque é a caracterização que a autora criou através das experiências e conflitos da protagonista, Elizabeth Bennet, a qual proporciona uma possibilidade de instrução para os seus leitores, uma vez que a personagem tem um perfil questionador tanto em relação ao seu papel social, quanto às convenções sociais impostas. A voz feminina encontrada pelo viés da protagonista gera uma identificação por parte do leitor, em especial das mulheres, por transmitir sentimentos e sensações que não são possíveis serem observados por um narrador, o qual geralmente se dá pelo ponto de vista patriarcal.

Além disso, a voz feminina é propagada; uma vez que se levarmos em consideração a época histórica em que a autora escreveu, era muito raro a sociedade dar voz a mulher. Desse modo, Jane Austen foi precursora e incentivou várias autoras também de renome na literatura inglesa, além de colaborar com os estudos feministas e o estudo das relações de gênero.

Como já ressaltado anteriormente, o terceiro nível de leitura cria a possibilidade de também analisarmos a forma como conteúdo. Nesse sentido, não por acaso, o romance aparece como gênero adequado aos propósitos de Austen e que, o qual teve uma forte expressão desde seu surgimento, e proporcionou aos seus leitores através de recursos da narrativa, como o da verossimilhança, a identificação com a protagonista.

Com esse intuito, a autora valida seu projeto literário em utilizar uma história cotidiana, inserida em um gênero literário que possibilita a formação do leitor, e que estimula uma modificação de um comportamento dado como adequado nessa sociedade, possibilitando uma nova conduta feminina. Afinal, o contexto histórico e cultural demonstra as poucas possibilidades de sobrevivência que a mulher tinha nessa sociedade.

A autora critica os pressupostos para a ideologia da Rainha do Lar, que propagava a visão de mulheres como reprodutoras, e que só poderiam desempenhar papéis maternos. Jane Austen critica também a caracterização da mulher como ser inferior ao homem, intelectualmente, ideias que também só podemos entender se levarmos em consideração o contexto histórico do

Iluminismo. A autora salienta ainda, que nessa sociedade, outra possibilidade de sobrevivência seria a realização de um casamento vantajoso.

No entanto, esse tipo de casamento é censurado pela autora. No romance *Elizabeth* é pedida em casamento por seu primo William Collins, e nega o pedido dele, por saber que não o ama e vice e versa; mesmo esse casamento sendo considerado adequado socialmente; do mesmo modo a protagonista recusa seu segundo pedido de casamento, mesmo essa união podendo a levar para uma ascensão social inigualável.

Dessa forma, a autora cria uma subversão da ordem do casamento, em que para a sociedade burguesa era realizado, a fim de perpetuar a classe, através da concepção de família nuclear, pois havia a necessidade de uma mulher para retratar e compor essa família. Assim, havia uma educação para as mulheres se casarem o quanto antes, caso contrário, dependeriam da renda da família para continuar sobrevivendo nessa sociedade. Caso, a família fosse de um ranking social inferior, a mulher precisaria viver de favores de amigos, e benfeitores.

A protagonista tem consciência dessas convenções sociais, e nega dois pedidos de casamento, mesmo sendo considerado como um absurdo para os seus padrões, Lizzy anseia por seus ideais de amor e conseqüentemente de casamento. Desse modo, apenas no desfecho do enredo, Elizabeth, aceita se casar com Darcy, por amor e por sua escolha e decisão, quando tem certeza de que ele figura um homem de caráter o qual vai ao encontro de seus ideais.

Nesta perspectiva, o projeto literário da autora instiga a mulher a buscar a sua independência e a sua felicidade; alerta também contra a concepção de moralidade burguesa bem como suas convenções sociais; subverte a ordem de um casamento por obrigação em que mostra a possibilidade da escolha; e oferece a possibilidade do amor aliado a inteligência e sem barreiras sociais. É importante ressaltar a leitura política, a qual cria possibilidades para podermos compreender essas possíveis interpretações e análise dessa obra literária; em que não seria possível esse entendimento apenas com uma primeira leitura superficial de enredo, ou seja, como conteúdo manifesto.

Portanto, a leitura feminina proporcionada por Jane Austen, pelo viés da leitura política, a qual proporciona uma análise estética atrelado ao contexto histórico social, nos faz entender principalmente, a diferença de gênero iniciada pelas ideias iluministas propagadas pelos séculos XVIII e XIX, em que as mulheres eram consideradas como seres inferiores e muitas vezes silenciadas. Além disso, demonstra como a instituição casamento foi construída nessa sociedade burguesa e demonstra que o ato de se casar, não é natural e sim figura um constructo histórico.

Nessa concepção, o romance não deve ser lido apenas como histórias de amor e casamento, na verdade esses funcionam como estratégias para confundir o leitor do que realmente a obra se trata. Assim, esse projeto de pesquisa tentou interpretar as estratégias de contenção do texto e da autora, e possibilitar uma compreensão para a História, como afirma Jameson.

## Referências Bibliográficas

AUSTEN, Jane, 1775-1817. **Orgulho e preconceito**. [Pride and prejudice]. Roberto Leal Ferreira (Trad.), São Paulo: Martin Claret, 2010.

- BONNICI, Thomas. **Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências**, Maringá, Eduem, 2007
- BOSI, Alfredo, **História concisa da literatura brasileira**. 2 ed. São Paulo: Cultrix, 1980. 571 p.
- CANDIDO, Antonio de Mello Souza e. **Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária**. 2 ed. São Paulo: Nacional, 1967. 220 p. -- (Coleção Ensaio; v.3)
- 1918- et al. **A personagem de ficção**. 9 ed. São Paulo: Perspectiva, 1995. 119 p. -- (Coleção Debates; v.1. Literatura)
- **Dialética da Malandragem (caracterização das Memórias de um sargento de milícias)** in: Revista do Instituto de estudos brasileiros, nº 8, São Paulo, USP, 1970.
- CARTER, Ronald; McRAE, John. **The Routledge History of Literature in English**. London: Routledge, 2002.
- COPELAND, Edward e McMASTER, Juliet. **The Cambridge Companion to Jane Austen**. Cambridge, Cambridge University Press, 1997.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária um introdução**, (Tradução de Sandra Vasconcelos). Beca Produções Culturais Ltda, São Paulo, 1999.
- EAGLETON, Terry. **Conclusão: Crítica política**. In: ----- Teoria da Literatura: Uma Introdução. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- FERREIRA, Carla Alexandra. As primeiras impressões são as que ficam? Jane Austen retorna ao cinema In: **Figurações do Oitocentos**/Paulo Motta Oliveira (org) - Cotia-SP:Ateliê Editorial, 2008.
- **Jane Austen Revisitada: Além de histórias de Amor e Casamento**. Universidade Estadual de Maringá - UEM Maringá-PR, 9, 10 e 11 de junho de 2010 - ANAIS - ISSN 2177-6350
- **The Coup e Brazil: uma leitura do Norte pelo Sul**. 2003. 188 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A vontade de saber**, 13º Ed. Rio de Janeiro Editora Graal 1999.
- GUBAR, Susan e Gilbert Sandra M. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination**. New Haven, Yale University Press, 1984.
- JAMESON, Fredric. "A interpretação: a literatura como ato socialmente simbólico". In: **O inconsciente político: a narrativa como ato socialmente simbólico**. São Paulo: Editora Ática, 1992.
- KARL, Frederick R. **A Reader's Guide to the Nineteenth Century British Novel**. Octagon Books, 1972.
- ROBERTS, Adam. **Fredric Jameson Routledge Critical Thinkers**. New York: Routledge, 2000.
- ROUGEMONT, Denis. **História do Amor no Ocidente**; prefácio Marcelo Coelho, Tradução Paulo Brandi e Ethel Brandi Cachapuz. 2ed. Reform. São Paulo. Ediouro. 2003.
- SCHWARZ, Roberto, 1938-. **Dois meninas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- SCHWARZ, Roberto. **Seqüências Brasileiras: ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- VASCONCELOS, Sandra Gardini. **Dez lições: sobre o romance inglês do século XVIII**. São Paulo: Boitempo, 2002.
- WATT, Ian M., **A ascensão do romance: estudos sobre Defoe, Richardson e Fielding**. [The rise of the novel: studies in Defoe, Richardson and Fielding]. Hildegard Feist (Trad.). São Paulo: Companhia da Letras, 1990.
- WILLIAMS, Raymond. **The English Novel from Dickens to Lawrence**. The Hogarth Press, 1976.
- **The Long Revolution**. London, Chatto & Windus, 1961.

Recebido em janeiro de 2012.  
Aceito em maio 2012.